

**SARAH
DESSSEN**

*Uma canção
de minar*

Tradução
FLÁVIA SOUTO MAIOR

SEGUINTE
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2002 by Sarah Dessen

Todos os direitos reservados, inclusive o de reprodução total ou parcial em qualquer meio.

Publicado mediante acordo com Viking Children's Books, um selo do Penguin Young Readers Group, uma divisão da Penguin Random House LLC.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarzs S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL This Lullaby

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

FOTO DE CAPA E.V Binstock/ Getty Images

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Dessen, Sarah

Uma canção de ninar / Sarah Dessen ; tradução Flávia
Souto Maior. — 1^a ed. — São Paulo : Seguinte, 2016.

Título original: This Lullaby.

ISBN 978-85-5534-011-6

1. Ficção juvenil I. Título.

16-04203

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.seguinte.com.br

www.facebook.com/editoraseguinte

contato@seguinte.com.br

junto

1

O nome da música é “Canção de ninar”. A esta altura, já devo tê-la ouvido um milhão de vezes. Mais ou menos.

Sempre me disseram que meu pai a escreveu no dia em que nasci. Ele estava na estrada, em algum lugar no Texas, já separado da minha mãe. Segundo dizem, quando ele ficou sabendo do meu nascimento, sentou com o violão e simplesmente compôs essa música, bem ali, em um quarto de hotel de beira de estrada. Gastou uma hora, só alguns acordes, duas estrofes e um refrão. Ele compôs a vida toda, mas ficou conhecido apenas por essa. Meu pai morreu como um artista de um sucesso só. Ou dois, se eu entrar na conta.

“Canção de ninar” tocava enquanto eu esperava numa cadeira de plástico na concessionária, na primeira semana de junho. Fazia calor, tudo florescia e o verão estava quase chegando. O que significava, é claro, que era hora da minha mãe casar de novo.

Era a quarta vez. Quinta, contando meu pai. Eu preferia não contar. Mas, aos olhos dela, eles foram casados — se é que uma cerimônia no meio do deserto feita por alguém que eles tinham acabado de conhecer conta como casamento. Para minha mãe, conta. Mas ela troca de marido pelos mesmos motivos que as pessoas tingem o cabelo: tédio, apatia, ou a esperança de que aquilo vai resolver tudo. Quando eu era mais nova e, curiosa, perguntava so-

bre meu pai e como eles haviam se conhecido, ela apenas suspirava, fazia um sinal com a mão e dizia: “Ah, Remy, foi nos anos 70. Você sabe como era”.

Minha mãe acha que sei tudo. Mas ela está errada. Tudo o que eu sabia sobre a década de 1970 era o que tinha aprendido na escola e no History Channel: Guerra do Vietnã, presidente Carter, discotecas. E tudo o que sabia sobre meu pai era “Canção de ninar”. Durante a vida toda, eu a escutei na trilha sonora de comerciais e filmes, em casamentos, na rádio quando os ouvintes pediam. Meu pai pode não estar mais aqui, mas a música — sentimental, tola, insípida — continua. Pode até acabar durando mais do que eu.

Foi no meio do segundo refrão que Don Davis, da Don Davis Motors, botou a cabeça para fora do escritório e me viu.

— Remy, querida, sinto muito por te fazer esperar. Entre.

Eu levantei e fui até ele. Em oito dias, Don viraria meu padrasto, entrando para um grupo que não era lá muito seletivo. Ele era o primeiro vendedor de carros, o segundo geminiano, o único com renda própria. Os dois se conheceram bem ali na sala dele, quando fomos comprar um Camry para ela. Eu estava junto porque conheço minha mãe: ela pagaria o preço de tabela sem pestanejar, como se não houvesse outra opção, como se estivesse comprando laranjas ou papel higiênico no mercado, e, claro, ninguém diria nada, porque minha mãe é mais ou menos conhecida e todo mundo acha que ela é rica.

O primeiro vendedor que nos atendeu parecia recém-saído da faculdade e quase caiu para trás quando minha mãe foi direto até o Camry último modelo, completo, enfiou a cabeça lá dentro para sentir o cheiro de carro novo, sorriu e anunciou com um floreio característico: “Vou levar!”.

“Mãe!”, protestei, tentando não ranger os dentes. Eu havia passado a viagem inteira dando instruções detalhadas sobre o que

dizer, como agir, tudo o que precisávamos para fazer um bom negócio. Ela garantia que estava me ouvindo, mesmo que não parasse de mexer nas saídas do ar-condicionado e de brincar com os vidros automáticos. Aposto que só estava com pressa para comprar um carro novo porque eu tinha acabado de comprar um.

Depois que minha mãe estragou tudo, sobrou para mim tomar a frente. Comecei a fazer perguntas ao vendedor, o que o deixou nervoso. Ele não parava de olhar para ela, atrás de mim, como se eu fosse um cão feroz adestrado que ela poderia simplesmente mandar sentar. Estou acostumada com isso. Mas, quando ele começou a se contorcer, fomos interrompidos pelo próprio Don Davis, que nos levou para seu escritório e se apaixonou pela minha mãe em questão de quinze minutos. Eles ficaram ali sentados, olhando um para o outro com brilho nos olhos, enquanto eu fechava o carro por três mil a menos e ainda incluía um plano de manutenção, impermeabilizante e um tocador de CD que armazenava vários discos. Deve ter sido o melhor acordo de toda a história da Toyota, mas acho que ninguém notou. Simplesmente se espera que eu cuide de tudo, porque sou a gerente, terapeuta, faz-tudo e, agora, ceremonialista da minha mãe. Que honra.

— Então, Remy — Don começou a dizer quando nos sentamos, ele no trono de couro giratório do outro lado da mesa e eu na cadeira desconfortável-o-suficiente-para-acelerar-a-venda em frente. Tudo na concessionária era pensado para fazer lavagem cerebral nos clientes. Havia comunicados para os vendedores, encorajando ótimas ofertas, simplesmente “espalhados” por toda parte onde um cliente poderia ler. As salas eram dispostas de modo que desse para “ouvir sem querer” o vendedor suplicando ao gerente por um desconto. E a janela para a qual eu estava olhando dava para o local onde as pessoas retiravam os carros novos. De tantos em tantos minutos, um vendedor aparecia mais ou menos no meio

dela para entregar a chave a um cliente, depois sorria enquanto ele dirigia rumo ao pôr do sol, exatamente como nos comerciais. Quanta bobagem.

Don se mexia na cadeira, arrumando a gravata. Ele era um cara corpulento, barrigudo e meio careca: a palavra “massudo” vinha à mente. Mas ele adorava minha mãe, coitado.

— Do que você precisa?

— Certo — eu disse, pegando no bolso de trás a lista que havia trazido. — Falei com a loja de smokings e você precisa passar lá esta semana para a última prova. A lista do jantar de ensaio está praticamente fechada em setenta e cinco pessoas, e o bufê vai precisar do último cheque até segunda.

— Está bem. — Ele abriu a gaveta e tirou a pasta de couro onde guardava o talão de cheques, então pegou uma caneta no bolso do paletó. — Quanto é o bufê?

Olhei para o papel nas mãos, engoli em seco, e disse:

— Cinco mil.

Ele assentiu e começou a escrever. Para Don, cinco mil não eram nada. O casamento estava custando uns vinte, e aquilo não parecia incomodá-lo. E ainda tinha a reforma que havia sido feita na nossa casa para que pudéssemos viver todos juntos como uma família feliz; a dívida da picape do meu irmão, que Don não pretendia cobrar; e o custo diário de viver com a minha mãe. Ele estava fazendo um enorme investimento. Mas, também, era seu primeiro casamento. Ele era um novato. Já minha família era profissional nisso.

Ele destacou o cheque, deslizou-o sobre a mesa na minha direção e sorriu.

— O que mais? — perguntou.

Consultei a lista novamente.

— Só falta a banda, eu acho. O pessoal do espaço perguntou a respeito...

— Está tudo sob controle — ele disse, fazendo um sinal com a mão. — Eles vão estar lá. Diga para sua mãe não se preocupar.

Sorri ao ouvir aquilo, porque ele esperava que eu sorrisse, mas ambos sabíamos que ela não estava nem um pouco preocupada com o casamento. Escolheu o vestido e as flores e deixou o resto comigo, alegando que precisava de cada segundo livre para trabalhar no próximo livro. A verdade era que minha mãe detestava detalhes. Ela adorava mergulhar em projetos por cerca de dez minutos, depois perdia o interesse. Por toda a casa havia pequenas pilhas de coisas que já haviam atraído sua atenção: kits de aromaterapia, um software para montar árvores genealógicas, livros de culinária japonesa, um aquário com os quatro lados cobertos de algas e apenas um sobrevivente — um peixe branco e gordo que havia devorado todos os outros.

A maioria das pessoas atribui o comportamento errático dela ao fato de ser escritora, como se isso explicasse alguma coisa. Para mim, não passa de uma desculpa. Quer dizer... neurocirurgiões também podem ser loucos, mas ninguém diz que está tudo bem. Felizmente para minha mãe, só eu tenho essa opinião.

— ... já está chegando! — Don exclamou, apontando para o calendário. — Dá para acreditar?

— Não — respondi, tentando imaginar qual teria sido a primeira parte da frase. — É incrível.

Ele sorriu para mim, depois voltou a olhar para o calendário, onde eu agora via que o dia do casamento, 10 de junho, estava circulado várias vezes, com diferentes canetas. Não dava para culpá-lo por estar empolgado. Antes de conhecer minha mãe, Don tinha chegado a uma idade em que a maioria de seus amigos já não esperava mais que se casasse. Ele morava sozinho havia quinze anos, em um apartamento perto da estrada, e passava a maior parte do dia vendendo mais Toyotas do que qualquer outra pessoa no estado.

Mas, em nove dias, ele teria não só Barbara Starr, extraordinária romancista, mas receberia meu irmão Chris e eu no pacote. E estava feliz com isso. Era mesmo incrível.

Naquele exato momento, tocou o interfone em sua mesa, bem alto, e uma voz de mulher saiu pelo alto-falante.

— Don, Jason está com um oito-cinco-sete e precisa de ajuda. Ele pode entrar?

Don olhou para mim, depois voltou a pressionar o botão e disse:

— É claro. Só preciso de cinco segundos.

— Oito-cinco-sete? — perguntei.

— Jargão de concessionária — ele respondeu rápido, levantando. Ajeitou o cabelo, cobrindo a pequena área careca que eu só notava quando estava sentado. Atrás dele, do outro lado da janela, um vendedor de rosto avermelhado entregava as chaves de um carro novo a uma mulher com uma criança pequena. A criança puxava sua saia, tentando chamar atenção, mas ela não parecia notar. — Detesto ter que te expulsar, mas...

— Já terminei — eu disse, guardando a lista no bolso.

— Agradeço muito por tudo o que está fazendo por nós, Remy — ele disse, dando a volta na mesa. Então colocou uma mão sobre meu ombro, como um pai, e eu tentei não lembrar de todos os padrastos que tive antes dele que fizeram a mesma coisa, aplicaram o mesmo peso, com o mesmo significado. Eles também acharam que seria para sempre.

— Não precisa agradecer — eu disse no momento em que ele tirou a mão do meu ombro e abriu a porta para mim. Havia um vendedor ali, ao lado do que devia ser o tal oito-cinco-sete: um cliente em cima do muro, deduzi. Era uma mulher baixinha, agarrrada à bolsa, vestindo um moletom com estampa de gatinho.

— Don — o vendedor disse com tranquilidade —, esta é Ruth,

e estamos fazendo de tudo para que vá embora hoje num Corolla novo.

Ruth alternou o olhar entre mim e Don, nervosa, depois focou em Don.

— Eu só... — ela começou a dizer.

— Ruth, Ruth — Don disse calmamente. — Vamos sentar um pouquinho e conversar sobre o que podemos fazer para te ajudar. Tudo bem?

— Tudo — Ruth respondeu, meio incerta, e se dirigiu à sala de Don. Ao passar, ela olhou para mim, como se eu fizesse parte do esquema, e precisei me esforçar muito para não falar para ela sair correndo e não olhar para trás.

— Remy — Don disse em voz baixa, como se tivesse notado.
— Vejo você mais tarde, certo?

— Certo — respondi. Ruth entrou e o vendedor a conduziu até a cadeira desconfortável, de frente para a janela. Agora, um casal asiático entrava em sua nova picape. Ambos sorriram ao ajustar o cinto de segurança, admirando o interior. A mulher abaixou o visor e se olhou no espelho. Os dois respiraram fundo, absorvendo aquele cheiro de carro novo, e ele colocou a chave na ignição. Depois saíram, acenando para o vendedor. Com o pôr do sol ao fundo.

— Agora, Ruth — Don disse, se acomodando na cadeira. A porta fechava e eu mal podia ver o rosto dele. — O que posso fazer para te deixar feliz?

Eu estava passando pelos carros expostos quando lembrei que minha mãe havia me pedido encarecidamente para lembrar Don dos drinques naquela noite. Sua nova editora estaria na cidade, supostamente de passagem, voltando de Atlanta, e aproveitaria a oca-

sião para encontrá-la. Na verdade, o romance da minha mãe estava superatrasado e a editora estava perdendo a paciência.

Eu me virei e voltei para a sala de Don. A porta ainda estava fechada e mal dava para ouvir as vozes lá dentro.

O relógio na parede era como os das escolas, com grandes números pretos e o ponteiro dos segundos vacilante. Já era uma e quinze da tarde. Um dia após minha formatura da escola e lá estava eu, nem indo para a praia nem me recuperando de uma ressaca, como os outros. Estava cuidando de um casamento, como uma funcionária paga, enquanto minha mãe ficava deitada em sua cama king-size, com as cortinas fechadas, dormindo o sono que alegava ser crucial para seu processo criativo.

Isso foi suficiente para eu começar a sentir aquela queimação que efervescia lentamente no meu estômago quando percebia como a balança estava a favor dela. Era ressentimento, ou o que havia restado da minha úlcera. Talvez ambos. A música ambiente parecia cada vez mais alta, como se alguém estivesse aumentando o volume, e fui inundada por uma versão de uma música da Barbra Streisand. Cruzei as pernas e fechei os olhos, pressionando os dedos nos braços da cadeira. Só mais algumas semanas, eu disse a mim mesma, depois vou embora.

Então alguém sentou com tudo na cadeira à minha esquerda, esbarrando em mim e me jogando contra a parede. Acertei o cotovelo na moldura da porta, bem o ossinho, e senti como que um choque. De repente, fiquei irritada. *Muito* irritada. É incrível como basta um empurrão para alguém perder o controle.

— Que porra é essa? — eu disse, preparada para arrancar a cabeça do vendedor idiota que havia decidido se aproximar demais de mim. Meu cotovelo ainda estava latejando, e eu sentia uma onda de calor subindo pelo pescoço: mau sinal. Eu me conhecia.

Virei a cabeça e vi que não era vendedor nenhum. Era um cara

de cabelo preto cacheado, mais ou menos da minha idade, usando uma camiseta laranja. Por algum motivo, ele estava sorrindo.

— Oi — ele disse, alegre. — Tudo bem?

— Qual é o seu problema? — rebati, passando a mão no cotovelo.

— Problema?

— Você acabou de esbarrar em mim, babaca.

Ele piscou.

— Nossa — ele disse enfim. — Que língua afiada.

Só fiquei olhando para ele. Não é um bom dia, amigo, pensei. Você não me pegou num bom dia.

— É que eu te vi na loja — ele disse, como se estivéssemos discutindo o clima ou a política mundial. — Ali perto do mostruário de pneus.

Eu tinha certeza de que estava olhando com cara feia, mas ele não parava de falar.

— Fiquei pensando que a gente tinha alguma coisa em comum. Senti uma química, vamos dizer. E tive a sensação de que alguma coisa grande estava para acontecer. Com nós dois. A sensação de que nascemos para ficar juntos.

— Você se deu conta de tudo isso olhando para os pneus? — perguntei, tentando esclarecer.

— Você não sentiu? — ele perguntou.

— Não. Só senti você me jogando contra a parede — eu disse calmamente.

— Foi um acidente — ele disse, abaixando a voz e se aproximando de mim. — Um descuido. O resultado infeliz do entusiasmo que senti ao saber que estava prestes a falar com você.

Olhei para ele. Tocava agora uma versão animada do jingle da Don Davis Motors.

— Sai daqui — eu disse.

Ele sorriu de novo, passando a mão no cabelo. A música aumentava cada vez mais, o alto-falante estalava como se estivesse prestes a entrar em curto-circuito. Olhamos para cima, depois um para o outro.

— Quer saber de uma coisa? — ele disse, apontando para o alto-falante, que estalou ainda mais alto antes de retomar a música-tema no volume máximo. — De agora em diante — ele voltou a apontar para cima — *esta* vai ser nossa música.

— Ai, meu Deus — eu disse.

Fui salva — aleluia — quando a porta da sala de Don se abriu e Ruth saiu, acompanhada pelo vendedor. Ela carregava um maço de papéis e levava no rosto cansado aquele olhar estupefato de quem acabou de gastar muito dinheiro. Mas tinha o chaveiro folheado a ouro falso todinho para ela.

Levantei e o cara ao meu lado me seguiu.

— Espera, eu só quero...

— Don? — chamei, ignorando-o.

— Então fica com isso — ele disse, agarrando minha mão.

O cara virou a palma para cima antes que eu tivesse tempo de reagir, tirou uma caneta do bolso de trás e começou — não estou brincando — a escrever um nome e um número de telefone entre meu polegar e meu indicador.

— Você é louco — exclamei, puxando a mão, o que borrou os últimos números e derrubou a caneta da mão dele. Ela caiu no chão e rolou para baixo de uma máquina de chicletes.

— Ei, Romeu! — alguém gritou da loja, gerando uma onda de gargalhadas. — Vamos embora, cara!

Olhei para ele, ainda sem acreditar. Era um desrespeito ao meu espaço. Eu já tinha jogado bebida em garotos na balada por muito menos.

Ele olhou para trás, depois novamente para mim.

— A gente se vê logo — disse, sorrindo.

— Até parece — respondi, mas ele já estava desviando da picape e do utilitário expostos e saindo pela porta de vidro, onde um furgão branco surrado esperava no meio-fio. A porta de trás se abriu e ele entrou, mas o furgão acelerou, fazendo-o tropeçar, então logo parou novamente. Ele suspirou, colocou as mãos na cintura e olhou para cima. Pegou na maçaneta da porta de novo e tentou entrar no mesmo instante em que o carro se movimentou mais uma vez, enquanto alguém buzinava. A sequência se repetiu o caminho todo até o estacionamento, com os vendedores rindo, até que alguém colocou o braço para fora e ofereceu a mão, que ele ignorou. Os dedos da mão estendida se agitaram, no início só um pouco, depois com avidez, e então ele finalmente a agarrou, pegando impulso para entrar no carro. A porta bateu, a buzina soou novamente e o furgão saiu do estacionamento com o motor roncando e o escapamento pegando no chão.

Olhei para minha mão, onde o rabisco em tinta preta marcava 933-54-alguma-coisa, com uma palavra embaixo. Minha nossa, a letra dele era horrível. Um D grande, a última letra borrada. Que nome idiota. Dexter.

Quando cheguei em casa, a primeira coisa que notei foi a música. Clássica, sublime, preenchendo o ambiente com o som de oboés e a harmonia de violinos. Depois, o perfume de velas, baunilha, doce o bastante para te fazer estremecer. E, finalmente, o último sinal: um rastro de papéis amassados, passando pela cozinha e levando ao solário.

Graças a Deus, pensei. Ela voltou a escrever.

Deixei as chaves sobre a mesa ao lado da porta e me abaixei, pegando uma bolinha de papel perto dos meus pés. Eu a desama-

sei enquanto caminhava para a cozinha. Minha mãe era muito supersticiosa em relação ao trabalho e só escrevia na velha máquina que costumava levar pelo país quando produzia artigos sobre música como freelancer para um jornal de San Francisco. A máquina era barulhenta, soava uma campainha sempre que chegava ao fim da linha e parecia um refugo dos dias de correio a cavalo. Ela tinha um computador novinho e ultramoderno, que só usava para jogar paciência.

A página tinha o número um no canto superior direito e começava com o entusiasmo típico da minha mãe.

Melanie sempre foi o tipo de mulher que amava um desafio. Na carreira, nos amores, na alma, vivia para se ver diante de algo que a afrontasse, testasse sua determinação, fizesse a conquista valer a pena. Ao entrar no Hotel Plaza, em um dia frio de novembro, ela tirou a echarpe da cabeça e sacudiu a chuva dos cabelos. Encontrar Brock Dobbin não estava em seus planos. Ela não o via desde que estivera em Praga, quando deixaram as coisas tão mal resolvidas quanto antes. Agora, um ano depois, com o casamento dela tão próximo, ele estava de volta à cidade. E ela estava lá para encontrá-lo. Daquela vez, venceria. Ela estava

Ela estava... o quê? Havia apenas uma mancha de tinta depois da última palavra, arrastando-se até o fim da página, quando havia sido arrancada da máquina.

Continuei pegando os papéis descartados ao caminhar. Não variavam muito. Em um deles, a história se passava em Los Angeles, não em Nova York, e em outro Brock Dobbin virava Dock Brobbin, mas logo o nome anterior voltava. Detalhes. Minha mãe sempre demorava um pouco para encontrar o caminho. Porém, quando encontrava, estava feita. Ela havia terminado o último livro em três semanas e meia, e era grande o bastante para servir de calço de porta.

A música e as batidas da máquina de escrever ficaram mais altas

quando entrei na cozinha, onde meu irmão, Chris, passava uma camisa sobre a mesa. O saleiro, o pimenteiro e o porta-guardanapos haviam sido empurrados para um canto.

— Oi — ele disse, tirando o cabelo da frente do rosto. O ferro chiou quando Chris o levantou, para depois pressionar bem o colarinho da camisa.

— Há quanto tempo ela está fazendo isso? — perguntei, puxando a lata de lixo que ficava sob a pia e jogando os papéis.

Ele deu de ombros, deixando escapar um pouco do vapor.

— Algumas horas, acho.

Olhei atrás dele, além da sala de jantar até o solário, onde dava para ver minha mãe debruçada sobre a máquina de escrever, com uma vela ao lado, datilografando sem parar. Era sempre esquisito de ver. Ela espancava as teclas, jogando o corpo todo em cima delas, como se não conseguisse escrever rápido o bastante. Fazia isso por horas a fio, depois aparecia com câimbra nos dedos, dor nas costas e umas boas cinquenta páginas, que provavelmente bastariam para deixar sua editora satisfeita por um tempo.

Sentei à mesa e dei uma olhada na pilha de correspondência perto da fruteira enquanto Chris virava a camisa, empurrando o ferro lentamente sobre um dos punhos. Ele passava roupa muito devagar, tanto que cheguei a arrancar o ferro da mão dele mais de uma vez por não suportar ver aquilo. A única coisa que me irrita mais do que ver uma coisa sendo feita de forma errada é ver essa mesma coisa sendo feita *devagar*.

— A noite promete? — perguntei. Ele havia se aproximado da camisa, bem concentrado no bolso da frente.

— Jennifer Anne vai dar um jantar — ele disse. — O traje é esporte fino.

— Esporte fino?

— Significa nada de jeans — ele disse bem devagar, ainda con-

centrado —, mas também nada de blazer. Gravata opcional. Algo assim.

Revirei os olhos. Havia seis meses, meu irmão não seria capaz de identificar um traje *esporte*, muito menos *fino*. Dez meses antes, em seu aniversário de vinte e um anos, Chris havia sido pego em uma festa vendendo maconha. Não foi seu primeiro contratempo com a lei: durante o ensino médio, ele acumulou algumas invasões de domicílio (acordos foram feitos), uma acusação por dirigir alcoolizado (retirada) e outra por posse de substância controlada (serviço comunitário e multa alta, foi por pouco). Mas a detenção na festa acabou em prisão, e ele cumpriu pena. Apenas três meses, mas ficou assustado o bastante para tomar vergonha na cara e arrumar um emprego na Jiffy Lube, uma rede de manutenção automotiva, onde conheceu Jennifer Anne quando ela levou seu Saturn para a revisão dos cinquenta mil quilômetros.

Ela era o que minha mãe chamava de “uma peça rara”, o que significava que não tinha medo de nós e deixava isso claro. Era uma garota pequena com longos cabelos loiros e muito inteligente — embora odiássemos admitir. Havia feito mais pelo meu irmão em seis meses do que fizemos em vinte e um anos. Com ela, ele estava se vestindo melhor, trabalhando mais e seguindo as regras gramaticais, além de usar termos como “rede de contatos”, “multitarefas” e “esporte fino”. Ela trabalhava como recepcionista de um conglomerado de consultórios médicos, mas se referia a si mesma como “especialista em administração”. Jennifer Anne era capaz de fazer qualquer coisa parecer melhor do que era. Eu a ouvira descrever o cargo de Chris como “perito multinível em lubrificação automotiva”, o que soava como se ele trabalhasse na Nasa.

Chris levantou a camisa da mesa e a segurou no alto, dando uma sacudida enquanto a campainha da máquina de escrever apitava no outro cômodo.

— O que você acha?

— Parece razoável — respondi. — Mas você deixou uma parte amassada na manga direita.

Ele olhou para a camisa e suspirou.

— É difícil demais — disse, colocando a roupa de volta na mesa. — Não sei por que as pessoas se dão ao trabalho de fazer isso.

— Não sei por que *você* se dá ao trabalho — eu disse. — Desde quando precisa estar com a roupa lisinha? Você achava usar calça chique.

— Que engraçadinha — ele disse, fazendo cara feia para mim.

— Você não seria capaz de entender.

— Ah, tá. Foi mal, sempre esqueço que você é o irmão inteligente.

Ele esticou a camisa, sem olhar para mim.

— O que eu quis dizer — continuou, lentamente — é que você teria que saber como é querer fazer algo legal por outra pessoa. Por consideração. Por *amor*.

— Ai, meu Deus — exclamei.

— É verdade. — Chris pegou a camisa novamente. O amassado ainda estava lá, mas eu não pretendia dizer nada. — Estou falando de amor. Compromisso. Duas coisas que, infelizmente, faltam na sua vida.

— Sou muito comprometida — eu disse, indignada. — E acabei de passar a manhã inteira planejando o casamento da mamãe. É uma grande demonstração de amor da minha parte.

— Você nunca teve um compromisso sério — ele disse, dobrando a camisa com cuidado sobre o braço, como um garçom.

— Quê?

— E reclama tanto do casamento que fica difícil dizer que está fazendo por amor.

Fiquei ali parada, encarando-o. Ultimamente, não dava para ar-

gumentar com ele. Era como se tivesse passado por uma lavagem cerebral de algum culto religioso.

— Quem é você? — perguntei.

— Só estou dizendo que estou muito feliz — ele respondeu com calma. — E queria que você também estivesse.

— Eu estou feliz — rebati, falando sério, embora o tom tenha saído amargo pela irritação. — Estou feliz — repeti com a voz mais estável.

Chris estendeu o braço e deu um tapinha no meu ombro, como se soubesse das coisas.

— Vejo você mais tarde — ele disse, virando e subindo a escada em direção ao quarto. Eu o observei se afastar, carregando a camisa ainda amassada, e me dei conta de que estava rangendo os dentes, algo que me pegava fazendo com muita frequência ultimamente.

Plim!, fez a campainha da máquina de escrever. Minha mãe deu início a uma nova linha. Melanie e Brock Dobbin já deviam estar no meio do caminho para a desilusão amorosa, pelo som das teclas. Os livros da minha mãe eram do tipo que causava suspiros, ambientados em locais exóticos, povoados por personagens que tinham tudo e, ao mesmo tempo, nada. Ricos, mas pobres em amor. E assim por diante.

Fui até a entrada do solário, cuidando para não fazer barulho, e olhei para ela. Quando escrevia, parecia estar em outro mundo, alheia a nós: mesmo quando éramos pequenos e chorávamos e berrávamos, ela apenas levantava a mão de onde estava sentada, de costas para nós, ainda datilografando, e fazia “shhhhhh”. Como se fosse o suficiente para nos calar, como se enxergássemos o mundo em que ela estava naquele momento, o Hotel Plaza ou alguma praia em Capri, onde uma mulher de trajes refinados desejava um homem que tinha certeza que havia perdido para sempre.

Quando Chris e eu estávamos no ensino fundamental, minha

mãe estava na pior. Ela ainda não tinha publicado nada, a não ser artigos em jornal, e nem isso andava fazendo, já que as bandas sobre as quais escrevia — como a do meu pai, toda aquela coisa da década de 70 que agora chamam de “rock clássico” — começaram a se separar ou simplesmente parar de tocar no rádio. Ela arrumou um emprego de professora de redação na faculdade local, que não pagava praticamente nada, e moramos em uma série de prédios horrorosos, todos com nomes como Colina dos Pinheiros e Lago da Floresta, mas que não tinham lagos, pinheiros ou florestas em lugar nenhum. Naquela época, ela escrevia sentada à mesa da cozinha, normalmente durante a noite ou de madrugada, às vezes à tarde. Suas histórias sempre foram exóticas: ela pegava os folhetos gratuitos das agências de viagem e recolhia a revista *Gourmet* das pilhas do centro de reciclagem para usar como material de pesquisa. Enquanto meu irmão ganhou o nome de seu santo favorito, o meu foi inspirado em uma marca cara de conhaque que ela viu em um anúncio na *Harper's Bazaar*. Não importava que estivéssemos vivendo de macarrão instantâneo enquanto seus personagens saboreavam champanhe e caviar, que relaxassem usando terninho Dior enquanto nossas roupas eram de brechó. Minha mãe sempre amou o glamour, mesmo sem nunca tê-lo visto de perto.

Chris e eu a interrompíamos constantemente enquanto ela trabalhava, o que a deixava louca. Em uma feirinha, ela encontrou uma dessas cortinas feitas com longos fios de contas e a colocou sobre a entrada da cozinha. Tornou-se nosso símbolo subentendido: se a cortina estivesse aberta, a cozinha estava liberada. Se estivesse fechada, minha mãe estava trabalhando, e tínhamos que procurar comida e distração em outro lugar.

Quando eu tinha uns seis anos, adorava ficar ali e passar os dedos pelas contas, vendo como balançavam de um lado para o outro. Faziam um som bem suave, como sininhos. Dava para espiar através

delas e ver minha mãe. Ela parecia exótica, como uma vidente ou fada, uma fonte de magia. Ela era exatamente isso, mas eu ainda não sabia.

A maior parte das nossas coisas dessa época se perdeu há muito tempo, ou foi doadas, mas a cortina de contas sobreviveu à viagem para a Grande Casa Nova, como a chamávamos quando nos mudamos. Foi uma das primeiras coisas que minha mãe pendurou, antes mesmo dos nossos desenhos da escola ou da sua gravura favorita do Picasso. Havia um prego, de modo que ela podia ser recolhida, mas agora ela estava estendida, em parco estado, ainda cumprindo sua função. Cheguei mais perto, espiando minha mãe. Ela estava absorta no trabalho, dedos voando, e eu fechei os olhos e fiquei escutando. Era como uma música que eu havia escutado a vida toda, ainda mais do que “Canção de ninar”. Todos aqueles toques nas teclas, todas aquelas letras, tantas palavras. Passei os dedos sobre as contas e observei sua imagem ficando ondulada, como se estivesse na água, desfazendo-se lentamente e tremulando antes de se tornar inteira de novo.